

## EÇA DE QUEIROZ E O PORTUGUÊS "DESABROCHADO"

Rosa Maria Santos Mundim  
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

Pode-se dizer que Eça de Queiroz sempre foi um dos autores portugueses mais lidos e respeitados no Brasil. Sua obra despertou a admiração de famosos escritores como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e José Lins do Rego e mesmo aqueles que fizeram críticas a seus romances, como Machado de Assis, não deixaram de elogiar o seu talento. Desde cedo teve contato com o falar brasileiro, na presença de sua ama pernambucana, além de ser, na vida adulta, amigo de brasileiros como Eduardo Prado e Olavo Bilac.

No entanto, a relação de Eça com o Brasil e os brasileiros foi às vezes ambígua - e houve mesmo momentos de aberta animosidade, tudo isso provocado por certos textos de sua autoria, em que o espírito crítico e irônico de suas palavras não foi bem interpretado por alguns leitores. Como tudo teria começado?

### O IMPERADOR DO BRASIL E OS BRASILEIROS

*Eis o formidável princípio. O brasileiro é o português desabrochado!*  
(Eça de Queiroz)

Eça de Queiroz está ainda na casa dos vinte anos e no auge de sua veia satírica e combativa quando escreve **As farpas**, em parceria com Ramalho Ortigão (1871-1872). Nesse periódico os dois jornalistas comentam fatos da vida portuguesa, com vivacidade e contundente ironia. Cada número, com cerca de cem páginas, rapidamente se esgota. Este sucesso de público, porém, não significa um louvor unânime. Isto porque, muitas vezes, grupos importantes da sociedade portuguesa (igreja, políticos, jornais, artistas...) são sistematicamente ridicularizados e combatidos. E tais críticas provocam, muitas vezes, reações de desagrado por parte daqueles que se julgam ofendidos pela ironia das farpas.

Em fevereiro de 1872, D. Pedro II, em viagem à Europa, visita Portugal. Talvez por

falta de algum assunto mais instigante e também porque, já nessa época, nada escapasse ao seu olhar observador, Eça de Queiroz dedica sete crônicas d' **As farpas** aos comentários sobre a visita real e uma para falar do *brasileiro*. Nessas crônicas, Eça vai da brincadeira bem-humorada à ironia mais contundente, com alguns comentários que beiram a descortesia, fato inusitado num escritor que, mesmo quando responde a críticas, é sempre polido e elegante.

Na crônica LXVI é feita uma crítica à inconstância do monarca brasileiro, que, segundo o cronista, às vezes se faz tratar por Pedro de Alcântara, quando deseja escapar das aborrecidas cerimônias oficiais; mas em outras ocasiões pede para ser tratado como D. Pedro II, quando a importância do título lhe assegura regalias.

Na crônica seguinte, o motivo da galhofa é a mala de que D. Pedro nunca se separa e que, segundo o autor, não guarda nada dentro. Eça conclui que o rei substituiu a coroa do Brasil pela mala, na Europa; e remata com um comentário favorável ao visitante: "No entanto – disfarce ou bagagem – a mala é profundamente simpática. Dá a esta corte em viagem uma nota de simplicidade e de sinceridade." (Queiroz, 2000, v. III, p. 831)<sup>1</sup>

A terceira crônica fala da sobriedade alimentar do imperador do Brasil: "Sopa, carne cozida, legumes, água e um palito, tal é o chorume dos jantares da corte nos paços da Tijuca." (v. III, p. 831), fato que não condiz com a gula do soberano no jantar oferecido em Paris e que teria sido "narrado com ironia" pelos jornais da famosa cidade. Eça revela, então, a verdadeira fome de D. Pedro: "Sua majestade é um guloso de hebraico. No hebraico – rapa os pratos e lambe os dedos." (v. III, p. 831) Segundo o cronista, o monarca desdenha os melhores manjares e as visitas aos monumentos mais famosos, para se comprazer em "... vorazmente, a grandes bocados, com guinchos de gozo" consumir incalculáveis porções de hebraico.

Numa quarta crônica, o autor d'**As farpas** relata a estranheza causada pelos trajes informais de D. Pedro numa cerimônia de doutoramento em Coimbra: "Sua majestade,

---

<sup>1</sup> BERRINI, BEATRIZ. (org.) *Eça de Queiroz- Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. v. I e II, 1997 – v. III e IV, 2000. (Todas as citações posteriores serão indicadas pelo volume e número de páginas).

trajando jaquetão de viagem, com um chapéu desabado e um saco a tiracolo ..." (v. III, p. 833)

Eça aproveita a crônica para ironizar a hipocrisia dos doutores da famosa universidade, mais preocupados com a roupa do ilustre visitante que com seus conhecimentos científicos.

Na crônica de número LXXI, o criador d'**O primo Basílio**, não encontrando motivos para criticar a visita que o imperador faz ao ilustre escritor Alexandre Herculano, diverte-se, no entanto, nomeando os termos pedantes usados pelos jornais portugueses ao nomear o espaço onde se realiza o encontro: "mansão", "retiro", "tugúrio", "tebaida", "aprisco", "abrigo", "albergue", "solidão", "exílio". Termina com a observação: "Ora, no meio disto, uma coisa terrível se nos afigura: é que Sua majestade se esqueceu de ir simplesmente à casa do sr. Alexandre Herculano!" (v. III, p. 837)

As brincadeiras com o Imperador, porém, não fariam a Eça grande dano junto ao público do Brasil e talvez fossem esquecidas, se o escritor não escrevesse a crônica LXXIII, onde fala do *brasileiro*. O texto inicia-se com um indignado protesto sobre a língua portuguesa falada no nosso país, segundo o cronista "arrastada no chão pelo grotesco". De maneira arrogante, o cronista ainda ordena: "Os srs. do Brasil que dêem uma direção à sua linguagem – de modo que não venha cair como um enxurro sobre os nossos dicionários" (v. III, p. 910)

Note-se que esse trecho sobre o falar brasileiro foi suprimido na segunda publicação d'**As farpas**, feita vinte anos depois. Ali Eça inicia a crônica revelando: "Há longos anos o *brasileiro* é entre nós o tipo de caricatura - mais francamente popular. Cada nação tem assim um personagem típico, criado para o riso do público..." (v. III, p. 910) E conclui dizendo: "...tudo o que é mau gosto, grosseria, tosquice, obtusidade, pelo ordinarismo, - coloca-o como num índice no brasileiro." (v. III, p. 911)

Astutamente, porém, o autor português coloca-se fora da posição adotada pela maioria dos seus patrícios e faz a defesa do *brasileiro* usando um argumento interessante: "Pois bem!

É uma torpe injustiça que seja assim. E nós os portugueses fazemos facciosamente mal em nos rirmos deles, os brasileiros! - Porque, enfim, eles vêm de nós!" (v. III, p. 911) Eça mostra, então, que o português, quando se ri do brasileiro, está na verdade rindo de uma versão "desabrochada" de si mesmo: "... somos a semente a que falta o sol; em cada um de nós, no nosso fundo, existe, em germe, em feto, em embrião – um brasileiro entaipado, afogado – que só pede para crescer, ver a luz, abrir-se em coletes amarelos e em calos – ao sol dos Trópicos." (v. III, p. 913)

O cronista lembra ainda que o português deve aliar-se ao brasileiro, pois ele tem o dinheiro que falta aos lusos. E até se inclui no rol dos beneficiados, quando se dirige a eles com gratidão não destituída de ironia: "Vós tendes qualidades fortes, duradouras, boas para alicerce da vida! E depois vós dai-nos dinheiro! Vós provei nos de papagaios! São coisas que não se esquecem!" (v. III, p. 915)

Não imaginava autor d'**As farpas** que suas crônicas fossem causar problemas. Paulo Cavalcanti, porém, revela em **Eça de Queiroz, agitador do Brasil**<sup>2</sup>, que esses textos chegam ao Recife em maio do mesmo ano e são reproduzidas em cópias que logo se espalham, e provocam indignação e respostas acaloradas, como as sátiras denominadas **Os Farpões**. Em Goiana, cidade do interior de Pernambuco, em cujo comércio havia inúmeros portugueses, ocorrem tumultos e trocas de insultos entre lusos e brasileiros. Tão grave torna-se a situação que culmina com a saída de muitos conterrâneos de Eça e a calma só é obtida com o envio de tropas pelo governo. O cronista, sempre galhofeiro, escreve uma carta ao Presidente de província de Pernambuco, com um apelo: "... e não nos esfaqueie, sr.- e não nos esfaqueie!" Vinte anos depois (1890-1891), Eça publica suas crônicas em separado, com o nome mais suave de **Uma campanha alegre** e nesse texto republicado faz uma "Advertência" ao leitor. Ali, faz uma espécie de *mea culpa* em que tenta justificar os ímpetos um pouco exagerados

---

<sup>2</sup> CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, agitador do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1966.

daquela época: Eça tem também o cuidado de abrandar a crônica sobre o *brasileiro*. A primeira parte, criticando o modo de falar brasileiro, é suprimida. E acrescenta ao texto uma explicação com que pretende suavizar a crítica, explicando que, quando falava do brasileiro, era: "...não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil - mas o português que emigrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil." (v. III, p. 839)

A renomada queirosiana Beatriz Berrini, em comentário ao texto original da polêmica crônica de **As Farpas**, esclarece que esse é "certamente um texto duro, que o autor julgou oportuno transformar e aperfeiçoar, tendo em vista as suas relações afetivas, e também econômicas, com pessoas e jornais do nosso país. " (v. III, p. 909) Mas não terminam aí, na obra de Eça, as referências ao nosso país e aos brasileiros.

#### **A CRÍTICA DA VISÃO INGLESA SOBRE O BRASIL**

*Se o Brasil, pois, tem essa qualidade eminente de se interessar pelo que diz o mundo culto, deve-o às excelências da sua natureza, de modo nenhum ao sangue português...*  
(Eça de Queiroz)

Eça de Queiroz foi correspondente europeu da **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro) de 1880 a 1897. Num texto publicado em 31/10/1880, o escritor faz comentários sobre um artigo publicado no Times sobre o nosso país, revelando que, naquela semana, vários jornais ingleses haviam citado favoravelmente o Brasil. Mas Eça observa, com espírito irônico, que "...todavia esta admiração do **Times** pelo gigante é misturada a um certo patrocínio familiar, de ser superior ..." (v. III, p. 1083)

O autor de **As farpas** revela que o correspondente inglês vê os outros povos latino-americanos (com exceção do Chile e partes do Brasil) como "indolentes e arrogantes" e justifica os bons resultados no caso brasileiro como consequência da colonização portuguesa. Pois através dela, segundo ele, o país aprendeu a democracia e mesmo a separação de Portugal foi feita sem ódio. Eça, sempre irônico, observa então:

*Com efeito, pobres de nós! Nunca fomos para o Brasil senão amos amáveis e timoratos. Estávamos para com ele naquela melancólica situação de um velho fidalgo, solteirão arrasado, desdentado e trôpego, que treme e se baba diante de uma governanta bonita e forte. Nós verdadeiramente é que éramos a colônia...* (v. III, p. 1084)

Eça revela ainda que o jornal inglês critica também a pouca aptidão brasileira para o trabalho manual, pois prefere delegar essas tarefas a escravos ou imigrantes, e isso poderia levar o país a perder os bens que não soubesse administrar para mãos mais competentes. O cronista diz, então, que "O **Times** aqui embrulha-se", pois não consegue esconder sua posição colonialista, "Teoria favorita da Inglaterra e de todas as nações da rapina..." (v. III, p.1084)

Como Eça contesta a opinião inglesa, dizendo que nossas virtudes não teriam vindo de Portugal (que, segundo ele, não as possuía), desta vez a reação negativa vem de sua própria terra, na figura do político e escritor Pinheiro Chagas, que, indignado com as opiniões do cronista sobre sua pátria, em artigo no jornal **O Atlântico**, sugere-lhe que empregue melhor o tempo fazendo romances ou escrevendo folhetins de "humorismo arrebatador". Eça defende-se afirmando que, antes dele, Alexandre Herculano já dissera que Portugal é que havia se tornado uma colônia do Brasil...

## **AS PREVISÕES PESSIMISTAS SOBRE O FUTURO BRASILEIRO**

*Com o Império, segundo todas as probabilidades, acaba também o Brasil.*  
(Eça de Queiroz)

Em 1889, Eça realiza um de seus sonhos: cria a **Revista de Portugal**, que dura de julho de 1889 a maio de 1892. Nela escreve, em dezembro de 1889, sob o pseudônimo de João Gomes, um artigo em que fala sobre a recente Proclamação da República em nossa terra. Em lúcida interpretação, satiriza a maneira como o fato se deu: "...e, ante a vista assombrada, surge uma República, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hinos, de selos, de correio e da Bênção do arcebispo Lacerda . Sem atritos, sem confusão, essa república começa logo a funcionar." (v. III, p. 1495)

O cronista ressalta o espírito leviano da revolução, que se fizera numa manhã, antes do almoço e lembra que os brasileiros tomavam os Estados Unidos como modelo, sem refletir que "é o caráter das raças, e não a forma dos governos, que faz ou impede as civilizações. " (v. III, p. 1496)

O cronista de **As farpas** não vislumbra um futuro risonho para a República, pois não acredita que, sem a figura do Imperador, a união da nossa pátria seja mantida. Vislumbra um país fracionado em repúblicas independentes. Conclui a crônica em tom de lamento, com a afirmação de que a América do Sul ficaria coberta com os cacos dum grande Império... No entanto, muito do seu pesar talvez represente a solidariedade ao seu grande amigo brasileiro Eduardo Prado, ardoroso defensor da Monarquia.

#### **A UTOPIA DE FRADIQUE PARA O BRASIL**

*E a minha impressão é que os brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer, e, portanto, a estragar o Brasil.* (Eça de Queiroz)

Mesmo na prosa de ficção, Eça de Queiroz não deixa de ter o Brasil como assunto de seus textos. Às vezes, em imagens não muito favoráveis, como o dúbio brasileiro Castro Gomes de **Os Maias** ou o desagradável comendador Pinho, descrito em carta de Fradique a Madame de Jouarre. E é precisamente o personagem Fradique Mendes que vai endereçar uma carta ao amigo – verdadeiro - Eduardo Prado, de acordo com o texto publicado na **Gazeta de Notícias**, com a data de Paris, 1888.

Eça, como a maioria dos intelectuais de seu tempo, sempre teve a Europa dita civilizada - especialmente a França – como modelo de cultura e requinte. Mas Fradique, talvez coerente com a atitude que o escritor assume na última fase da vida em relação a Portugal, propõe que o Brasil busque suas origens e mantenha a tradição de um país com vocação rural, buscando preservar " ... toda uma civilização harmônica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da

Europa. (v. II, p. 200)

O autor da carta observa em seguida que, após a partida de D. João VI, os brasileiros mudam-se para as cidades e começam a copiar os costumes europeus, com vestimentas e habitações inadequados ao clima tropical, importando também as doenças e os títulos vazios, abandonando os velhos e simples costumes. Com ironia, lembra que o Brasil, intelectualmente, é ainda uma colônia, onde "tudo vem de fora".

Mas nem tudo é pessimismo na carta de Fradique. Ele vislumbra um futuro melhor para o Brasil quando, depois de uma experiência decepcionante com a República, a Monarquia retorne, com um jovem soberano que "ame a natureza e deteste o livro". Então, segundo o personagem, "haverá no mundo uma grande nação." Além disso, para Fradique, no Brasil os homens são inteligentes, as mulheres belas e o povo bondoso. Assim, conclui: "Ora, uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) - pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original do que um doutor mal traduzido do francês." (v. II, p. 204)

Acompanhando os diversos textos de Eça de Queiroz escritos sobre o Brasil, podemos ver que, em relação a nosso país, o escritor segue a mesma trajetória que teve com Portugal. N'**As farpas**, numa atitude superior de europeu civilizado, ri do imperador e dos brasileiros. Mais amadurecido e ainda irônico, nos comentários sobre o **Times** julga-nos superiores a Portugal, que deseja ver acordado de sua letargia. É pessimista quando fala sobre a nossa República, julgando que tudo está perdido. Sonhador na utopia de Fradique, delineia um país que talvez fosse o Portugal desejado pelo nostálgico autor d'**A cidade e as serras**.

Nunca tendo posto os pés no Brasil, Eça de Queiroz forma a imagem da nossa terra pelos relatos de brasileiros que encontra na Europa. Na ficção, porém, Fradique escreve a carta a Eduardo Prado depois de uma viagem pelo país e despede-se de seu amigo brasileiro dizendo: "Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do



Brasil como seu." Talvez Eça entendesse, como seu personagem, que a amizade não tira a obrigação de denunciar, com olhar crítico, aqueles aspectos da realidade que deseja ver transformados. Mesmo correndo o risco de, às vezes, magoar e enfurecer os leitores.